

---

## Os Impactos dos Segredos na Família sob o Olhar da Psicologia Sistêmica

**Juliana Oliveira Felippin**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8076-2950>

*Faculdade de Educação Superior de Tangará da Serra – FAEST*

**Maria Eliza Wilke**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-4225-9104>

*CEFI - Centro de Estudos da Família e do Indivíduo*

---

**RESUMO:** O presente trabalho é uma pesquisa teórica, fundamentada em artigos localizados nas bases abertas de dados Scielo e PePSIC e literatura clássica sobre o tema. Procurou investigar o quanto os segredos impactam nas vidas das pessoas e de suas famílias. Este estudo considera os ciclos vitais de cada geração, e como as gerações se organizam interdependentemente, perpetuando então, crenças, mitos, legados e segredos. A revelação de um segredo pode tanto ser positiva quanto negativa, trazendo desde surpresas agradáveis até rompimentos. Neste ínterim, o esforço terapêutico é de localizar apoio emocional a este indivíduo ou família, construindo um ambiente seguro para compartilhamento, compreensão e elaboração de sentimentos emergentes. Indica-se a continuidade de estudos sobre este assunto, tão importante e significativo para a Terapia Sistêmica e suas intervenções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família. Transgeracionalidade. Transmissão psíquica.

### The Impacts of Secrets in the Family Under the Look at Systemic Psychology

**ABSTRACT:** The present work is a theoretical research, based on localized articles in open databases Scielo and PePSIC and classical literature on the subject. It sought to investigate how secrets impact people's lives and their families. This study considers the life cycles of each generation, and how the generations organize in their own cycles interdependently, perpetuating then, beliefs, myths, bequests and secrets. The revelation of a secret can be both positive and negative, bringing from pleasant surprises to breakups. In the meantime, the therapeutic effort is to locate emotional support for this individual or family, building a safe environment for sharing, understanding and elaboration of emerging feelings. It is indicated the continuity of studies on this subject,, that is so important and significant for Systemic Therapy and its interventions.

**KEYWORDS:** Family. Transgenerationality. Psychic transmission.

### Los impactos de los Secretos en la Familia Bajo la Mirada de la Psicología Sistémica

**RESUMEN:** El presente trabajo es una investigación teórica, fundamentada en artículos localizados en las bases abiertas de datos Scielo y PePSIC y literatura clásica sobre el tema. Ha intentado investigar cuánto los secretos impactan en las vidas de las personas y de sus familias. Este estudio considera los ciclos vitales de cada generación, y cómo las generaciones se organizan interdependiente, perpetuando entonces creencias, mitos, legados y secretos. La revelación de un secreto puede tanto ser positiva como negativa, trayendo desde sorpresas agradables hasta rompimientos. En el ínterin, el esfuerzo terapéutico es de localizar apoyo emocional a este individuo o familia, construyendo un ambiente seguro para compartir, comprender y elaborar sentimientos emergentes. Se indica la continuidad de estudios sobre este tema, tan importante y significativo para la Terapia Sistémica y sus intervenciones.

**PALABRAS CLAVE:** Familia. Transgeneracionalidad. Transmisión psíquica.

---

## **Introdução**

Neste artigo, pretende-se compreender, através de uma pesquisa teórica, coletada em base aberta de dados Scielo e PePSIC bem como em literatura clássica, os efeitos emocionais que os segredos em torno da história de alguém e de uma família, podem causar em suas vidas e em sua linhagem.

Existem lacunas nas vidas dos indivíduos, que, ou por desconhecerem fatos, ou por determinados fatos serem negligenciados ou omitidos pelas famílias de origem, colaboram nos seus bloqueios, medos e dificuldades frente ao desenvolvimento de uma vida emocional saudável e autônoma.

O presente estudo destina-se a informar e incentivar que os terapeutas familiares sistêmicos estejam atentos a reflexões aprofundadas na terapia, seja ela de família, casal ou terapia individual. O uso da técnica do genograma, por exemplo, é apontado como uma das formas de auxiliar que a família identifique ciclos de repetições e possíveis lealdades invisíveis e inconscientes.

O levantamento foi iniciado com dois clássicos da literatura em Terapia Familiar Sistêmica: *As Mudanças no Ciclo Vital* (Carter e McGoldrick, 2011) e *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar* (Imber-Black, 2002). A partir destes referenciais, houve um esmiuçamento e encontro com pesquisadores fundamentais a este constructo teórico-prático, como Bowen (1989 apud BERMUDEZ, 2010), Minuchin (2008), Iván Boszormenyi-Nagy (1973). Este levantamento bibliográfico contou ainda com a contribuição de Falcke e Wagner (2005) e Bertin e Passos (2003), autoras contemporâneas e brasileiras.

Assim, através de rica leitura em literatura clássica somados à estudos contemporâneos acerca do tema, objetivou-se ressaltar e valorizar uma compreensão sistêmica acerca dos acontecimentos transgeracionais que circundam os indivíduos.

## **O olhar da abordagem sistêmica sobre a família**

O pensamento sistêmico analisa as pessoas em sua totalidade e permite uma observação mais ampla dos relacionamentos tecidos durante toda sua existência ao longo do tempo.

Embasados na Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy (1937 apud BERMUDEZ, 2010), os pensadores sistêmicos entendem que somos constituídos por um sistema biológico (psíquico e físico), como também somos frutos de nossas inter-relações com pessoas próximas (família) e com o meio que vivemos (sociedade/comunidade), havendo uma interdependência entre todos esses elementos.

Diversos autores auxiliaram a criar o arcabouço teórico e prático da Abordagem Sistêmica, configurando o que hoje chamamos de Terapia Familiar Sistêmica.

Segundo Murray Bowen (1989 apud BERMUDEZ, 2010) um dos mais importantes teóricos da Terapia Familiar, somos mais dependentes de nossa vida emocional que supomos. Para o referido teórico, a família é um enredo multigeracional (trabalhando com pelo menos três gerações) que molda as interações entre proximidade e individualidade, pautados em alguns conceitos: diferenciação do *self*, triangulação, grau de ansiedade, processo emocional da família nuclear, processo de projeção familiar, transmissão multigeracional, rompimento emocional e regressão social.

A contribuição de Boszormenyi-Nagy (1973) traz a questão das lealdades, explícitas ou implícitas, que podem até excluir um indivíduo do clã, caso ele fuja dos preceitos familiares nas famílias mais rígidas. Ainda na concepção de Boszormenyi-Nagy (1973 apud BERMUDEZ, 2010), as lealdades em famílias flexíveis, quando transgredidas se tornam uma movimentação para o crescimento dos seus componentes. Este teórico ainda contribui com o conceito de delegação de pais para filhos, que serve para o cumprimento de algo ou não concretizado pelos pais ou que os tenham sido negados.

Carl Whitaker (1992 apud BERMUDEZ, 2010), preza que a terapia deve trazer através da experiência tomada de consciência dos valores, crenças e necessidades que assim, produzirão crescimento. Pontua ainda, Whitaker, que o terapeuta é um elemento curativo.

Minuchin (2005 apud BERMUDEZ, 2010) traz o enfoque estrutural, que *a priori*, compreende família como um grupo interativo, que possui regras próprias que norteiam seus componentes. Este núcleo detém normas de conduta e funcionamento individual e coletivo. Com o avanço dos estudos e análises de Minuchin, observaram que à família inserem-se fatores biológicos, valores, crenças e as narrativas que se moldam e se alteram mediante o caminhar e suas possíveis interações. Assim, estruturalmente falando, a família é um sistema social aberto e em contínua troca, interna e externa, que atravessa fases, etapas, ciclos vitais. O problema segundo os estruturalistas, é quando uma família deixa de evoluir, buscando homeostase. Nesta visão teórica, propõem-se os seguintes conceitos: subsistema; fronteira; hierarquia e alianças ou coalizões. Assim, numa família disfuncional, sem hierarquias definidas ou incongruentes, com limites frouxos ou rígidos demais, instalam-se sintomas.

No entendimento estratégico, desenvolvido por Jay Haley e Cloé Madanes (1980 apud BERMUDEZ, 2010), o foco é no aqui-agora, definindo como problema o conjunto de condutas que vem a formar uma sequência de atitudes entre as pessoas. Os estratégicos vêem o sintoma como uma metáfora de comunicação que visa a manutenção do estabelecido até então. Ao terapeuta, por este prisma, compete ser ativo e diretivo, criando uma estratégia de superação do conflito ou pessoal ou familiar, logo, ele é responsável por uma influência direta. Neste enfoque também se consideram questões como hierarquia, triangulações e ações diretivas que se adaptem e respeitem a dinâmica, especificidades, e momento vivenciado no ciclo vital de cada família, alterando padrões de comunicação disfuncionais e comportamentos que mantenham a conduta sintomática.

Cita-se ainda, com igual importância as terapias narrativistas/construtivistas de Michael White e as terapias baseadas nas equipes reflexivas de Tom Andersen.

## Composição emocional das famílias

Minuchin (2008, pag. 37) aponta que, “famílias são diferentes em diferentes contextos históricos”, podendo contextualizá-las tanto em um grupo composto por vínculos consanguíneos e compromisso, ou até mesmo por um grupo mais amplo, situado em determinado tempo histórico, ou apenas uma unidade nuclear.

Ariès (2006 apud DEMENECH, 2013), em sua iconográfica obra “A História Social da Criança e da Família” de uma forma geral pontua que a família como entendemos hoje, remonta do séc. XVIII, efetuando um movimento de afastamento da coletividade anteriormente vivenciada, surgindo então, aos poucos, uma individualidade e reorganização de costumes das famílias, com aumento de uma intimidade interna.

Nichols (1998), relembra que junto à urbanização e industrialização surgiu a família como hoje conhecemos. Até então, quem regia o *modus operandi* destes núcleos era a/ sociedade, a comunidade. Portanto, há de se considerar que junto às revoluções vivenciadas desde a história moderna (industrial e tecnológica), sociedade e família mudaram, evoluíram e são diretamente influenciadas por fatores étnicos, psicológicos, culturais, demográficos, padrões migratórios, econômicos. Assim, cria-se uma singularidade no funcionamento destas. Assim sendo, faz-necessário mapear a história da família via genograma ou mapa estrutural para delinear fronteiras de relacionamento e entender os padrões funcionais ou disfuncionais desta, bem como as ressonâncias ou heranças trigeracionais.

Entende-se então, que o desenvolvimento familiar traz diferenciação dos indivíduos e uma baixa ansiedade, bem como a capacidade de se relacionar saudavelmente com sua família de origem, conforme preconiza Bowen (1988 apud NICHOLS (1998). Em tese, as pessoas costumam se distanciar de alguns parentes por conta de não saberem lidar com a ansiedade que estas pessoas lhes causam, sejam elas, pais ou irmãos, quando não outras pessoas de uma família mais extensa. Estes assuntos não

resolvidos e sentimentos não compreendidos tendem a ser reeditados em outras relações da vida adulta, e provavelmente interferiram na escolha conjugal e formação de sua própria família. Há ainda a tendência a repetição dos vínculos entre cônjuges, pais- filhos, irmãos-irmãos. Indivíduos indiferenciados de sua família, formarão famílias indiferenciadas.

Carter e McGoldrick (2011) descrevem o ciclo vital familiar como um campo possível de realinhamento dos relacionamentos, observando as fases de desenvolvimento da mesma, com a entrada e saída dos componentes por conta do desenvolvimento biopsíquico e social. Num casamento há a fusão de dois subsistemas que recriam um novo, onde há a necessidade de ressignificar o apego primário com pais e pessoas próximas e colocar em evidência e foco este parceiro e a consequente família criada. E assim seguem as etapas de cada ciclo vital, em cada nova composição familiar.

Minuchin (1988 apud Bertin e Passos, 2003) se refere a estrutura familiar como um conjunto invisível de exigências funcionais que visa organizar o modo como os componentes da família interagem e convivem. Família então é um sistema que vive através de padrões transacionais. Então, via repetições e reedições, criam-se e mantêm-se padrões de interação, que vem a se tornar lei ou regra familiar, definindo como, quando e com quem os indivíduos podem e devem se relacionar.

Os componentes da família têm seus comportamentos padronizados ou minimamente enquadrados dentro de uma expectativa para a manutenção de regras que regem esse sistema até então, e isso, é transmitido de geração a geração.

### **Transmissão geracional e a construção de histórias de família**

Pelo prisma teórico sistêmico, toda família ou núcleo será analisado trigeracionalmente, pois assim, podem-se compreender as possíveis manutenções ou alterações do sistema. Segundo Papp (1988 apud Bertin e Passos, 2003), deve-se considerar três dimensões: totalidade – que é o conjunto de elementos presentes no momento da observação; organização – maneira como se compõe tal sistema; e padronização – que é a configuração dos elementos presentes neste sistema analisado. Assim, busca-se observar os eventos contextualizando-os com suas relações e conexões, logo, quando algo acontece com alguém o sistema todo é afetado direta ou indiretamente, e de forma que busque a manutenção de uma homeostase do sistema.

Bertin e Passos (2003), apontam que todo componente de determinado sistema familiar é autor da história desta família, e para melhor compreensão das transmissões é mister observar a família em sua totalidade, e não apenas os elementos isolados que a compõe. Logo, as trocas entre o meio e o indivíduo são permanentes e constantes, interferindo ou contribuindo na forma de se relacionar, pensar, sentir e agir. Caso haja alguma lealdade ou necessidade de manutenção de legado ou crença, o indivíduo se sentirá impelido a perpetuá-la, e quando estas transmissões são rompidas há quebra de uma homeostase.

Desvendar a historicidade das famílias é possibilitar o reconhecimento de como ela se organizou em função das tensões que vivenciaram num *continuum* de tempo, é poder levantar como se estruturaram, como lidaram com possíveis readaptações. Bertin e Passos (2003) observam ainda que se deve levantar repetições, descontinuidades, alianças, triangulações e rompimentos. Assim, se é percebido como são transmitidos padrões de funcionamentos, com seus legados, tabus, expectativas e sistemas de crenças implícitos.

Ainda há de se considerar as transições entre os ciclos vitais e como cada geração se organizou ou se organiza nestes momentos, pois há uma interdependência nos eventos.

Bertin e Passos (2003, pag.71), ainda corroboram que:

[...] o fluxo de tensão vertical em um sistema inclui padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família, principalmente por meio dos tabus, mitos, expectativas, segredos etc. Assim, em se tratando de padrão de repetição no grupo familiar, cada membro joga com uma carta marcada; nenhum deles sabe qual jogo está sendo jogado. Todos jogam vários jogos

ao mesmo tempo, mas não sabem que sabem quais são as regras que estão em vigor. Simplesmente jogam.

## **Enredos familiares: lealdades e segredos**

Carter e McGoldrick (2011) pontuam que todas as famílias são um sistema que se movimenta no tempo e através dele, e estas experimentam estressores verticais e horizontais no decorrer de sua existência, e que há de considerar para tal, três a quatro gerações. Carter e McGoldrick (2011, pág.10) defendem que “as pessoas não podem alterar o fato de serem relacionadas a quem são na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações. ”

Tem-se por estressores horizontais aquilo que se vivencia através da linha do tempo vivencial (ciclo vital), de forma previsível ou não, como nascimentos, doenças, filhos crescidos, mudança de emprego, mudança de cidade, aposentadoria, mortes, dentre outros. Como estressores verticais, Carter e McGoldrick (2011) citam os padrões de relacionamento e funcionamento transgeracionais (legados, mitos, crenças, atitudes, padrões, rituais e segredos) que esta família desenvolve.

O desenvolvimento e evolução de uma família possibilita vivenciar estresses, que conseqüentemente, acarretam em crises, e o como estas crises são operacionalizadas, dizem o quão esta família será funcional ou não, independente se a mudança traga benefícios ou problemas. Assim, aumenta-se ainda mais a carga emocional deste momento, se por ventura houver uma intersecção entre fatores recorrentes do ciclo vital (horizontal) e suas interações com o sistema (vertical).

Carter e McGoldrick (2011) referem que nossas noções de estágios de ciclo vital na atualidade não são as mesmas de gerações passadas. Esse *continuum* deve ser posto em foco, pois geralmente as famílias se tornam imediatistas, com pensamentos apenas no presente, ou ansiosas, temendo o desconhecido e o que está por vir.

Temos por estressores verticais ou transgeracionais as lealdades, as crenças, os mitos, ritos, legados e finalmente, os segredos.

Ser leal numa família significa perpetuá-la e ser pertencente a este grupo, levando em consideração fatores transgeracionais e intergeracionais. A fim de cumprir com os acordos ou mandatos da família, o indivíduo acaba por assumir atitudes que o liberam de culpas, agindo com uma conduta relacional. As lealdades estabelecidas podem ser saudáveis ou não, e conectam gerações passadas a futuras através de laços, que vão desde a repetição de nomes a preencher expectativas como escolha de profissões ou senso de justiça familiar, conforme apontado por Carter e McGoldrick (2011).

As crenças, por sua vez, trazem interpretações e até mesmo certas imposições do que é certo ou errado, tanto de forma velada quanto explícita. Quem porventura, fugir destas determinações, traz um grande desconforto a todos, pois rompe com uma identidade familiar. Os mitos garantem à família coesão interna e proteção externa, externados por atitudes que evidenciam pensamentos defensivos, com objetivo de amenizar e até mesmo negar algo doloroso ou negativo.

Ferreira (1963 apud FALCKE; WAGNER, 2014, pag.32), foi o primeiro a utilizar o termo *mito familiar*, propondo este conceito com o objetivo de definir algumas “atitudes defensivas do grupo familiar que originam pensamentos defensivos e tem a finalidade de garantir coesão interna e proteção externa da família.”

É possível que atrás de um mito, haja um segredo ou uma crença perpetuada ao longo das gerações, que mistura fantasia e realidade. Famílias que se valem de uma estruturação rígida de comunicação, ou que mantenham conteúdos emocionais não expressos, criam mitos que se tornam verdades, e podem ao longo do tempo, delinear condutas e escolhas. Tais lapsos de comunicação induzem a formação de estereótipos ou pré-concepções com a finalidade de manter vínculo.

Para que se tenha garantia da perpetuação de um mito, este deve ter perpassado por no mínimo três gerações. Estes mitos não permanecem estáticos e raramente são únicos ou servem de eixo central para os processos familiares, ressaltam FALCKE & WAGNER (2014).

Arelado aos mitos encontram-se os ritos, que são expressos por códigos familiares (atitudes, gestos, comportamentos, valores), repetidos transgeracionalmente, por boa parte da família, quando não na sua totalidade. Os ritos garantem a manutenção e confirmação dos mitos, sendo geralmente simbólicos e metafóricos, identificando traços específicos de determinada família, conseguindo delimitar fronteiras, definir papéis e regras. Passam a ser executados repetidamente e reafirmam crenças compartilhadas, sendo distribuídos em três grupos básicos: celebrações (por ex. Páscoa, Natal, etc.), tradições (férias e aniversários) e rotinas cotidianas (horários para acordar e dormir, almoçar e jantar, disciplina interna). Os ritos podem até carregam possibilidades ambivalentes, como alegria e dor da perda num casamento de um filho (a), e ainda apoio e receptividade num velório. Há de se considerar para cada família, questões culturais, religiosas e sociais subjacentes.

O legado, por sua vez, ressoa ao futuro a essência e características base deste grupo, como regras e valores que devem ser incorporadas às novas gerações.

Todas estas formas de transmissão entre gerações causam impacto de estresse no desenvolvimento familiar. Durante o ciclo de vida das famílias, vivencia-se crises e fatos *a priori* desestabilizantes, mas que produzem evolução, amadurecimento e trazem conseqüente maturidade, individual e coletivamente. Após um evento de ruptura, perda, crise ou instabilidade, há a possibilidade de reinvenção ou reorganização. Assim, a conjuntura estabelecida atualmente por um núcleo familiar se conecta às suas relações inter e transgeracionais, garantindo a manutenção de regras, normas e padrões, conforme concluem Falcke e Wagner (2014). É possível que nestas intersecções, por resistência à mudança ou por manutenção do estabelecido ao longo dos anos, este núcleo inviabiliza sua própria evolução, a continuidade funcional do ciclo vital. Esta perpetuação, por inúmeras vezes, é automática, não questionada ou sequer percebida. Neste ínterim, emergem sintomas, ora nos indivíduos, ora nas próprias famílias que garantem tal disfuncionalidade. Estas verdades construídas, contemplam a necessidade de pertença e sobrevivência.

Em suma, lealdade traz pertencimento, crenças e mitos carregam histórias que incitam comportamentos coletivos (corretos e tabus), e os segredos tem por função ocultar o que fugiu destas regras e expectativas. Assim, sistemicamente, organizam-se triangulações, alianças, conluíus, coalizões.

## Segredos familiares

Segredos familiares podem conter aspectos tanto curativos quanto perigosos, podendo levar a reconciliações e gratas surpresas, bem como a divisões ou rompimentos temporários ou permanentes. É importante avaliar cada caso, pois ainda há embate teórico quanto à ética da revelação ou não. Imber-Black (2002) refere que para cada família, haverá um esforço terapêutico diferenciado.

Há que se considerar uma evolução cultural e social obtida nas últimas décadas do século passado, que nos libertam e acolhem moral e emocionalmente, para aceitação de situações e vivências, anteriormente tidas como motivo de vergonha ou exclusão.

Imber-Black (2002) cita o caso de uma família atendida por ela, que guardava há mais de cinquenta anos um segredo que acarretou em rompimentos, sintomas debilitantes e formação de alianças, deixando esta, viver relacionamentos dolorosos que afetavam o bem-estar de seus componentes e suas respectivas interações. Uma vez revelado o segredo, o que levou alguns meses de terapia, seus membros puderam experimentar a liberdade de se relacionar de outra forma, entre si e com pessoas de fora de sua família, a quem se remetiam como “estranhos”.

Como é sabido, segundo a teoria sistêmica, nos relacionamentos existem díades, triangulações, alianças, rompimentos, que inserem ou excluem seus componentes. O fato de saber ou desconhecer fatos relativos à própria família influenciam a forma de se relacionar entre as pessoas, mesmo tendo o segredo um caráter protetivo, e estes segredos por sua vez, geram lealdades, que podem ser transgeracionais.

As repetições se tornam uma tentativa de expor o que foi ou o que está sendo guardado, porém de uma forma mal elaborada emocionalmente. Nestes enredos, se fortalecem as lealdades, invisíveis ou não (IMBER-BLACK, 2002).

Tem-se por lealdade, uma força nem sempre saudável que gera conexão e vínculo entre gerações da mesma família. Ser leal significa pertencer a um grupo, podendo tanto ser característica grupal quanto atitude pessoal. Tanto em família quanto em qualquer grupo, a lealdade objetiva sobreviver. Para ser leal, o membro do clã tem consigo interiorizadas expectativas do grupo a quem pertence e atua de acordo a cumprir com os mandatos transgeracionais. Obrigação ética, para este componente atrela-se ao sentido de dever e de justiça, que determina o dar e receber, e a quem compete fazê-lo, numa conjuntura histórica/transgeracional. Então, inconscientemente, tal membro obedece a regras deste sistema e cumpre tais mandatos. Imber-Black (2002), observa que ao reconhecer e compreender possíveis laços de lealdade com sua família de origem, o indivíduo consegue equilíbrio e autonomia para romper com possíveis impedimentos e amarras.

Segredos tidos como positivos, são temporários e geralmente envolvem ritos de passagem (como por exemplo, atos de diferenciação dos adolescentes em formação e autoafirmação) e situações que demonstram afeto com surpresas ou presentes (nascimento de um bebê, presentes de aniversário, pedidos de casamento). Já os segredos nocivos, são mantidos para evitação de estigmas e vergonhas, mas corroem a confiança e trazem sintomas ressonantes invalidantes e com consequências desastrosas nas vidas das pessoas, envolvidas ou não, mas que são reforçadas por regras familiares transgeracionais aponta IMBER-BLACK (2002).

Um terapeuta sistêmico, não deverá olhar para um segredo que envolva riscos à segurança dos pacientes e seus familiares, como uma mera ressonância transgeracional. Há que se fortalecer o paciente ou família, a localizar suas redes de apoio e buscar o apoio externo necessário.

Dentro de uma mesma família, o segredo pode ter vários significados, e este traz consequências na forma de como esses membros se comunicam e interagem, pois, há o que se velar e evitar, a fim de que a verdade não venha à tona. Porém, este comportamento, acaba por desencadear uma série de outros comportamentos, que levam à disfuncionalidade desta, acarretando em distanciamentos, frivolidades, contatos superficiais, incapacidade de tocar em assuntos que levem o desenvolvimento pessoal e interpessoal, impactando diretamente na confiança e na profundidade das relações, principalmente para os não inseridos no conhecimento do segredo.

Observa-se, que o segredo desencadeia sintomas. Imber-Black (2002), relata quatro maneiras de como se relacionam segredo e sintomas: uma delas seria com a finalidade de esconder algumas doenças, mesmo correndo o risco de não obter tratamento pertinente. A seguinte seria permitir que o sintoma seja uma maneira de expressar simbolicamente o segredo; outra a de buscar por motivos fisiológicos, comportamentais ou relacionais para desfocar e justificar o fato causador; e, por último, controle de conversas e temas por parte de quem detém o segredo, o que gera ansiedade e culpa-nos mesmos, ressoando a ansiedade aos que desconhecem o fato, pois sentem certa tensão.

O que separa o conceito de segredo e direito de privacidade é muito sutil, mas há que se contextualizar em termos de tempo cultural familiar e sócio-político geral daquela família em específico, bem como valores e regras de condutas esperadas e/ou vigentes.

Imber-Black (2002), pontua que o segredo é o encobrimento intencional e a privacidade é como ser protegido do acesso indesejado por outros. Em terapia, são desvelados cuidados éticos a respeito dos entranhados ou envolvidos neste contexto. O secreto engloba vergonha, diferentemente de assuntos meramente privados.

Na construção da história de vida das pessoas, os segredos se fazem presentes de forma a colaborar na aquisição de maturidade, como por exemplo, truques de sobrevivência, assunção de riscos para adquirir experiência, diários com relatos pessoais. Porém, quando estes segredos omitem possibilidades de riscos, os pais podem e devem ser invasivos em busca de informações ou

confirmações para salvaguardar seus filhos, como por exemplo, suspeição de uso de drogas na adolescência.

No caso de pais e filhos, há que se cuidar para não haver coalizões ou alianças secretas, quando na descoberta de segredos, deixando alguém de participar do acontecimento ou fato, a fim de manipular relacionamentos. Isso vale tanto para pais e filhos em relação ao outro cônjuge quanto a questões relativas a outro irmão.

Segredos podem inclusive, determinar relações hierárquicas e de poder nos relacionamentos, mas há de se criar condições terapêuticas para que o mesmo venha a ser revelado, pois afeta diretamente pessoas que desconhecem a informação, minimamente criando um distanciamento entre os subsistemas familiares, quando não ameaças e até chantagens, a fim de obter algum tipo de vantagem, ressalta IMBER-BLACK (2002).

Existindo um segredo entre familiares, moldam-se triângulos e criam-se ou reforçam-se laços de lealdade. Em situações psicoterápicas, é necessário compreender e saber quem são os detentores de segredos, e quem está excluído desse saber, pois este contexto gera desconfiança ao membro excluído, podendo minar relações. Quando mais parentes sabem da situação, há de se considerar como eles se sentiriam, caso este segredo venha a ser revelado. Logo, diante de um segredo, devemos levantar um mapa ecológico do mesmo, pois, possivelmente, pode haver outras pessoas envolvidas, num sistema de inter-relações (amizades, escolas, profissionais de saúde, outros familiares, etc).

Um segredo molda a identidade de uma família, mas pode isolá-la também, tanto externa quanto internamente, pois distância e divide as pessoas. Segredos podem embutir mais segredos (IMBER-BLACK, 2002).

É necessário e coerente esse levantamento sistêmico de participantes e influências, para compreendermos crenças, mitos, laços que de forma comum e recorrente, podem vir a atrapalhar o processo terapêutico. Em processo de terapia familiar, é necessária atenção e cautela no quanto a confiança ao setting pode ser danificada diante de uma revelação ou manutenção, e quais as consequências dessa decisão na vida do paciente ou família.

Faz-se necessário construir um ambiente seguro para o compartilhamento, que facilite a compreensão e colabore na elaboração emocional, através de um espaço de fala sobre as possíveis consequências (positivas e negativas) numa revelação e o quanto ela impactará nos envolvidos e nos seus círculos de relacionamentos. Esta atividade tem por finalidade restabelecer confiabilidade nos relacionamentos, aliviar e até mesmo eliminar culpas, tensões e medos, e pode se valer de símbolos que possibilitem a fluência dos conteúdos.

Imber-Black (2002) observa que após a revelação, ainda há de se cuidar para a emergência de outros sentimentos, como raiva, ou curiosidades anexas e possíveis questionamentos sobre triangulações, conluios, afim de garantir a manutenção da confiabilidade, bem como possibilitar que se fale sobre como se sentem diante da revelação, pois estes sentimentos também não podem tornar-se secretos. É fato, que quando um segredo é mantido por proteção, torna-se mais tranquilo reestabelecer a confiança, do que quando o mesmo é mantido por medo.

Após a abertura para resolução de um conflito, pode-se abrir passagem para outras revelações, possibilitando liberdade e franqueza por parte dos componentes daquele sistema familiar.

## **Consequências dos segredos**

Em se tratando de avaliar os efeitos de um segredo em qualquer relacionamento, há de se rastrear o quão positivo ou negativo ele é na relação.

Imber-Black (2002), suscita alguns tópicos a serem questionados para avaliação das consequências dos segredos: funcionamento dos membros; se a comunicação entre eles é funcional ou disfuncional; qual o impacto da descoberta casual; em caso de revelação, quem o deve fazer; levantamento de possíveis efeitos na revelação.

Segundo a citada autora, um segredo pode causar sintomas emocionais e/ou psicossomáticos, tanto para quem o guarda, quanto para quem o desconhece e está diretamente ligado ao mesmo, levando ao adoecimento. Também segundo ela, é imprescindível, levantar se este segredo traz ou não, disfuncionalidade às suas redes de relacionamentos diretos, e se a comunicação entre estes indivíduos é feita de forma a agregar ou afastar as pessoas, pois o fato de guardarem um segredo pode limitar até mesmo conversas corriqueiras.

Em caso de possível revelação, é de suma importância que haja da parte de quem zela pelo segredo, que a faça, evitando que o conhecimento da parte mais implicada venha de modo invasivo, humilhante, partindo de terceiros ou em situações de crises familiares ou até mesmo brigas. Imber-Black (2002) frisa ainda, que a possibilidade desta revelação ser devastadora é proporcional ao despreparo de quem o comunica, sendo importante e necessário então, ambientar este momento, e criar continência aos sentimentos e pensamentos emergentes.

É comum que famílias que guardam um segredo, envolvam vários personagens neste enredo. O limite entre segredo e privacidade se torna tênue, e pode conter desde informações básicas de cotidiano e de funcionamento normal de uma casa ou ritos familiares, podendo passar por aquisição de bens ou mesmo incluir situações que envolvam riscos, vulnerabilidades (física, social) e doenças físicas ou emocionais. Cria-se um acordo coletivo para o silêncio, e surge uma propensão natural a manter pequenos enganos por conta de uma lealdade, vindo a se estender na comunicação interna e externa de família. Esta família acaba por criar um cerco de proteção para si mesma, estendendo um possível isolamento para partes de seu próprio grupo ou levando isso para um contexto mais amplo, tanto dentro de sua família de origem quanto ampliando para sua convivência social mais ampla.

Diante deste recolhimento, deste cerceamento de liberdades e de comunicação, alguém surge com um sintoma ou comportamento que destoa que sugere cuidados, que incita a análise das relações familiares estabelecidas até então.

Ainda de acordo com Imber-Black (2002), sob a égide de proteção ou de não enfrentamento pessoal de seus medos, traumas ou vergonhas, os segredos são levados adiante e invalidam certos sujeitos que o conhecem de forma direta ou indireta. No caso, de pais protegendo filhos, estes adultos podem vir a se surpreender com as reações das crianças diante de uma revelação, pois não confiam na autonomia e capacidade das mesmas de compreender a situação. Já no caso de relação entre adultos, este comportamento, constantemente, distancia os envolvidos e macula a confiança, distorce a forma de se relacionarem e se comunicarem, podendo contaminar sua relação com a família extensa, e da família extensa entre si.

Outro fato comum, é que ao guardar determinado segredo, esse pode ter ressonâncias e tendência a repetições transgeracionais. Ainda se evidencia em crianças, que não podem saber que sabem uma limitação cognitiva, isto é, estendem a outras áreas de relacionamento e convivência a não permissão de conhecer e comunicar. Na escola isto se torna mais explícito por ser o ambiente mais propício e apropriado para esta atuação e possibilidade. A negação do conhecimento verdadeiro da história pessoal acarreta em bloqueios e limitações. Havendo desmistificação ou conhecimento da história ou histórias reais de cada um, ou de sua família, liberta-se e libertam-se de um passado tido como perigoso, culposos, humilhante ou vergonhoso, defende IMBER-BLACK (2002).

O enfrentamento e revelação de qualquer segredo, propõe aos envolvidos, responsabilização por seus atos e gestos, e a conscientização de que o outro também se faz capaz de lidar com seus sentimentos e possibilidades.

O terapeuta pode enfrentar diante de um segredo, um grande impasse, pois a retenção dos mesmos é causada por diversos motivos. Papp (2002 apud IMBER-BLACK, 2002, pag. 87), ressalta que:

Seus membros podem não perceber sua relevância para o problema apresentado; eles podem precisar sentir que podem confiar no terapeuta antes de compartilhar materiais privados e dolorosos ou podem precisar sentir que têm permissão dos outros membros da família para revelá-los.

Ainda há de se considerar os sentimentos que permeiam o terapeuta, como este lidaria ou reagiria frente a existência real ou possível de mentiras, segredos e distorções da verdade, como aponta Weingarten (2002 apud IMBER-BLACK, 2002).

Não existe uma única abordagem para o manejo de segredos, mas a possibilidade de saber quais abordagens são de preferência do terapeuta, ou que se possa adotar ou que se precise criar.

Roberts (2002 apud IMBER-BLACK, 2002), aponta a necessidade de ser sensível, oferecer proteção de uma revelação indesejada e apoiar quando na não obtenção ou de clareza, ou de nova consciência sobre os então padrões de funcionamento familiares. A referida autora também endossa a ideia de que a distinção entre segredos, confidencialidade e privacidade devem ser feitas. Assim, relaciona-se como trabalhar os segredos em terapia, lembrando que os mesmos são contextuais, assumindo diferentes significados em momentos distintos, e conseqüentemente definem relações entre as pessoas de forma única, considerando aspectos étnicos, de senso comum, ou apenas familiar. A visão pessoal e individual sobre segredos, tanto do paciente, quanto do terapeuta, influencia a forma de trabalhá-lo.

Weingarten (2002 apud IMBER-BLACK, 2002) orienta trabalhar tais conteúdos de forma a criar um processo de restauração harmoniosa, isentando os envolvidos de culpas, propiciando um canal de fala e escuta apoiadora e funcional. Segredos podem evocar curiosidade, medos, ansiedades, raiva, confusão, culpa, tristeza, dentre outros sentimentos, e se faz concreto e necessário distinguir bem como observar possíveis conexões entre segredo, privacidade, silêncio, proteção, ocultar, encobrir, confidenciar.

## Considerações Finais

A família é um espaço de trocas, supressões e expressões de sentimentos, por isto, muitas informações acerca da história familiar, ao longo do tempo, podem ser restringidas ou escondidas. Os conteúdos que são calados ou transformados se aderem naturalmente ao *status* ideal ou idealizado pelos seus componentes. Assim, os participantes não sabedores das informações, podem ser excluídos ou inconscientemente impelidos a repetir tal dinâmica, para então serem “aceitos” ou se igualarem a quem detém o segredo.

Em Terapia Familiar, mapear histórias e enredos trigeracionais, auxilia na visibilidade e compreensão de padrões funcionais ou não, e das possíveis heranças comportamentais e suas ressonâncias. Famílias em desenvolvimento e em busca de evolução proporcionam individuação a seus componentes e mantém entre eles vínculos relacionais saudáveis. Há identificação das mudanças normais e esperadas nas várias fases do ciclo vital familiar. As mudanças trazem reconfiguração e ressignificação nas várias relações.

Contextualizar o tempo histórico atual, observando interdependências entre eventos ao longo das gerações, propicia melhor entendimento e esclarecimento de possíveis repetições que ocasionam prejuízo da autonomia e individuação entre os familiares. Muitos dos padrões de relacionamento e funcionamento familiar são transmitidos de uma geração para outra, através de expectativas, tabus, lealdades, mitos, crenças e segredos. Logo, de forma sistêmica, alianças, coalizões, triangulações e rompimentos podem se formar e se apresentar de forma não saudável.

Os segredos trazem conseqüências relacionais através dos problemas de comunicação, sendo limítrofes ao direito de privacidade, mas agregando o ônus da vergonha. Famílias que detém algo em segredo, moldam indivíduos e endossam laços de lealdade. Diante de um segredo a se revelar, terapeutas familiares tem por critério de segurança técnica e acolhimento, junto ao paciente ou família, elencar os envolvidos, levantar possíveis sentimentos emergentes e conseqüentes, preparando um terreno emocional para este compartilhamento.

É possível que diante de uma abertura e exposição de um fato até então vergonhoso ou perigoso, outras pessoas sintam-se seguras para outras revelações. O canal de comunicação torna-se mais fluido e funcional com restabelecimento da confiança. Uma das mais impactantes conseqüências de um

segredo, por exemplo, é quando o sujeito desenvolve limitações cognitivas por desconhecer parte de sua história. Uma história negada traz bloqueios e limitações de desenvolvimento.

O enfrentamento e decisão da revelação implicam em responsabilizações, e a criação, nos demais envolvidos no fato, da capacidade de lidar com sentimentos advindos deste segredo. Desta forma, sujeito e família, libertam-se de um passado permeado por sentimentos de vergonha, humilhação, perigos reais ou supostos, e finalmente, culpas.

A Terapia Familiar possui uma gama de possibilidades técnicas para auxiliar na revelação de segredos, e para tanto, o terapeuta familiar deve considerar seus próprios sentimentos diante do trabalhado e exposto. O importante é criar, na medida em que há um caminhar, na evolução da aliança terapêutica, um espaço para restaurações e ressignificações das relações familiares.

## Referências

BERMUDEZ, C. BRIK, E. **Terapia Familiar Sistêmica**. Madrid: Editorial Síntesis, S.A., 2010.

BERTIN, I. P.; PASSOS, M. C. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**, São Paulo, v. 8, n.15, p. 65-79, jun. 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v8n15/v8n15a04.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

BOSZORMÉNYI-NAGY, I. SPARK, G. **Lealdades Invisibles**. Barcelona: Amorrurtu, 1973.

CARTER, B. MCGOLDRICK, M. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEMENECH, F. **Família: diferentes concepções históricas**. X Encontro Regional Sudeste de História Oral/Educação das Sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos, Unicamp:SP,2013. Disponível em: [http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1366661515\\_ARQUIVO\\_DEMENECH,2013UNICAMP.pdf](http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1366661515_ARQUIVO_DEMENECH,2013UNICAMP.pdf)>. Acesso em: 31 de janeiro de 2017.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 25-46.

IMBER-BLACK, E. **Os aegredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINUCHIN, S. LEE, W; SIMON, G. M. **Dominando a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NICHOLS, M.; SCHWARTZ, R. **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

### Sobre os autores

**Juliana Oliveira Felippin** é Psicóloga com o CRP: 18/00474. Graduada pela Universidade Estadual Paulista (2000) – UNESP/Assis. Formação em Dinâmica de Grupos pela SBDG - Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupos (2009), Docente do Departamento de Psicologia da FAEST - Faculdade de Educação Superior de Tangará da Serra. [juliana.felippin@gmail.com](mailto:juliana.felippin@gmail.com)

**Maria Eliza Wilke** é Psicóloga com o CRP: 07/04489; Mestre em Psicologia Social pela PUC/RS; Especialista em Terapia Sistêmica e professora e supervisora no CEFI - Centro de Estudos da Família e do Indivíduo. [mariaeliza@cefipoa.com.br](mailto:mariaeliza@cefipoa.com.br)

*Recebido em: 07/05/2018*

*Revisado em: 25/06/2018*

*Aceito em: 29/07/2018*